



Lucrécio e Aires Barbosa: (comentário a Árator, Historia Apostolica 2.11.17; Lucr. 2.999-1001)

Autor(es): Tarrío, Ana María S.

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra; Sapienza. Università di Roma

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/38774>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/978-989-721-044-0_7

Accessed : 21-Jun-2019 12:44:20

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Aires Barbosa na Cosmópolis Renascentista

Italo Pantani, Margarida Miranda &
Henrique Manso (coordenadores)

IMPrensa da Universidade de Coimbra
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SAPIENZA. UNIVERSITÀ DI ROMA
SAPIENZA. UNIVERSITY OF ROME

LUCRÉCIO E AIRES BARBOSA
(COMENTÁRIO A ARÁTOR, *HISTORIA APOSTOLICA* 2.11.17;
LUCR. 2.999-1001)

ANA MARÍA S. TARRÍO
Universidade de Lisboa

Como diz Lucrécio: «Realmente, o ciclo inverte-se: o que antes veio da terra/ retorna à terra, e o que desceu das regiões etéreas/ de novo o recebem os templos estrelados do céu». Isto é verdade, na medida em que está em harmonia com a piedade cristã.

Aires Barbosa¹

Com esta sumária naturalidade citava Aires Barbosa, em Salamanca, em 1516, a apologia do ateísmo e do materialismo mais entusiasmada da literatura romana (*De rerum natura* 2.999-1001) nada menos do que num comentário a uma epopeia bíblica sobre as gestas dos apóstolos Pedro e Paulo, escrita no século VI (Arátor, *História Apostólica*)².

Nem o próprio Giovanni Pico della Mirandola, artífice da conciliação entre paganismo e cristianismo, teria ousado tanto. Muito pelo contrário, trinta anos atrás evocara o nome de Lucrécio como reprovável antítese do teólogo medieval Duns Escoto, na famosa e polémica carta a Ermolao Barbaro (de 3 de Junho de 1485), em breve considerada um ensaio sobre a superioridade da Filosofia/Teologia sobre a Retórica. Para Mirandola era sem dúvida preferível à *mens insipiens* do eloquente poeta latino o *os insipidum* do teólogo medieval.

Porque «podemos viver sem língua, incomodamente, sem dúvida, mas sem coração não podemos de todo viver»³.

A transmissão manuscrita de Lucrécio e a história da sua recepção durante a Antiguidade Tardia e a Idade Média permitiriam justificar, no entanto, este aparente *oximoron*. A fragmentação antológica do *De rerum natura*, realizada

¹ *Vt enim ait Lucretius: «cedit item retro, de terra quod fuit ante,/ in terram, et quod missum est ex aetheris oris/ id rursum caeli stellantia templa receptat». Hoc uerum est quatenus Christiane pietati congruit*, ed. e trad. José Henrique Rodrigues Manso, *Comentário de Aires Barbosa ao Segundo Livro da História Apostólica de Arátor*, Lisboa, 2011, pp. 464-465; cf. Lucr. 2.999-1001.

² Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis Arii Barbosa Lusitani*, Salmanticae, in aedibus Ioannis Porris, Mense Aprili MDXVI. Doravante citaremos sempre o comentário barbosiano a partir da edição de Manso, op. cit.

³ Giovanni Pico della Mirandola, *Opera omnia*, fac-símile da ed. Basileia, 1557, Hildesheim, 1969, vol. I, p. 352: *uiuere sine lingua possumus, forte non commode, sed sine corde nullo modo possumus*.

sobretudo pelos autores gramaticais⁴, havia destilado a sua elegância formal e mestria métrica inigualáveis e havia inutilizado profilacticamente o seu potencial veneno, transformados os seus versos em modelos de escrita poética, úteis sobretudo para a composição de hexâmetros.

Esta forma de utilização, de abonada tradição medieval, seria à primeira vista plausível na pena de um professor universitário que consagrou metade dos seus títulos publicados a conteúdos didácticos gramaticais e mormente métricos (*Relectio de uerbis obliquis*, Salamanca, 1511; *Epometria*, Salamanca, 1515; *Prosodia, Ortographia*, Salamanca, 1517).

A aplicação antológico-didáctica não esgota, contudo, o significado desta ocorrência.

Ela não responde a um Lucrécio reduzido a pura còdea métrica, a mero envoltório formal, na medida em que se apresenta na qualidade de abonação a um conceito do autor patrístico comentado, como resultado de uma associação de sentido. Barbosa lembrou-se destes versos do livro segundo do *De rerum natura* ao explicar um passo de Arátor relativo ao regresso dos seres à sua origem celeste, regresso que teria como garantia ou penhor a semelhança do mundo criado (a *fabrica pulchra*) ao seu Criador, isto é, a sua beleza⁵. A ideia de que as coisas terrestres guardam a aparência da sua semente celestial podia efectivamente incitar um leitor cristão de Lucrécio a evocar os *semina rerum*, recorrentes no livro segundo do *De rerum natura* e em especial o passo que começa por *Somos pois todos oriundos de semente celestial* (*Denique caelesti sumus omnes semine oriundi*, Lucr. 2.991), sequência na qual se inserem os três versos citados pelo humanista luso.

Como este identifica claramente o autor latino citado, não se poderá inscrever nessa “congiura del silenzio” cunhada por Traina no seu estudo sobre a transmissão textual de Lucrécio⁶. No entanto, a citação também sobressai pelo que não diz, pelo seu excessivo laconismo.

Aos seus eloquentes silêncios dedicamos estas páginas.

⁴ Os autores gramaticais detêm, como é sabido, um papel fundamental na tradição indirecta de *De rerum natura*, sobretudo Nónio Marcelo, mas também Prisciano, Macróbio, Sérvio, Probo, Carísio, como apontaram os principais nomes do estudo da sua transmissão textual (Pizzani, Flores, Pasquali). Vd. V. Sivo, «Fortuna medievale di un verso lucreziano (da Micone di Saint-Riquier a Giovanni Balbi)», *Invigilata Lucernis* 10 (1988) 305–25; cf M. D. Reeve, «The Italian Tradition of Lucretius», *Italia Medioevale e Umanistica* 23 (1980), 27–48.

⁵ O comentário parte concretamente da explicação da expressão *pro pignore* de Arátor 2.9.15–17: *ne fabrica pulchra Creantis/ quae plasmata solo caelestis imaginis instar/ traxis et auctoris speciem pro pignore gestat*; Barbosa, *Aratoris*..., op. cit.: *pro pignore, scilicet, reditus caelestis et in patriam illam antiquam, si recte egerimus et pie innocenterque uixerimus. Ut enim ait Lucretius*..., pp. 456, 464.

⁶ A. Traina, «Lucrezio e la “congiura del silenzio”», in *Poeti latini (e neolatini): note e saggi filologici*. Bologna, 1975, pp. 81–91.

1. O Lucrécio de Lactância

Tanto o passo lucreciano escolhido por Barbosa como a sua interpretação em chave cristã com alta probabilidade encontraram inspiração em Lactância, o qual citara exactamente os mesmos versos para apontar que até o próprio Lucrécio, esquecido do que tinha asseverado e do dogma que defendera, vencido pela verdade, tinha sucumbido à razão verdadeira, ao descrever o regresso dos seres à sua origem celeste⁷.

A primeira ausência em torno desta citação seria, pois, o nome de Lactância. Tratava-se de autor que o professor salmantino conhecia bem, como deixam ver diversos passos do seu comentário a Arátor. Neste tratado, o autor patrístico surge precisamente citado como autoridade sobre as virtualidades positivas da utilização dos argumentos pagãos contra eles próprios (*Inst.* 5.4.3)⁸.

Por seu lado, Lactância deixou-nos suficientes evidências acerca da sua consideração por Lucrécio, apesar do explícito capítulo décimo segundo do mesmo livro sétimo das suas *Institutiones: De immortalitate animae contra Lucretium et Epicurum*. A sedução do poeta romano foi tal que, ainda que obviamente rejeitando as suas posições sobre a mortalidade da alma e a sua crítica radical a todas as religiões, Lactância não resistiu a atribuir a quota-parte de delírios da sua obra ao nefasto e diabólico Epicuro⁹, a tentar aproximá-lo da sua própria causa¹⁰ e a sublinhar com certa emoção os lugares onde Lucrécio não tinha errado¹¹.

Barbosa parece ter herdado esta forma de dissociação entre Lucrécio e Epicuro que encontrava em Lactância. No seu comentário a Arátor não falta

⁷ Lact., *Inst.* 7.12.5: [...] *denique idem Lucretius oblitus quid adsereret et quod dogma defenderet, hos uersus posuit: "cedit item retro, de terra quod fuit ante, in terram, sed quod missum est ex aetheris oris, id rursum caeli fulgentia templa receptant"* quod eius non erat dicere qui perire animas cum corporibus disserebat: sed uictus est ueritate et imprudenti ratio uera subrepsit.

⁸ Manso, op. cit., p. 379, n. 345, p. 765, n. 196-197, p. 755. Barbosa invoca também Lactância no tema da crítica da adoração de ídolos e das práticas da adivinhação (Lact., *Inst.* 2.14.10-12; 2.16.1; 2.16.3; 4.27.1).

⁹ Lact., *De opificio Dei* 6.1: *Non possum hoc loco teneri quominus Epicuri stultitiam rursum coarguam: illius enim sunt omnia quae delirat Lucretius.*

¹⁰ Lact., *Inst.* 7.27.6: *hunc sequamur omnes, hunc audiamus, huic deuotissime pareamus, quoniam solus, ut ait Lucretius, / ueridicis hominum purgauit pectora dictis / et finem statuit cuppedinis atque timoris / exposuitque bonum summum, quo tendimus omnes, / quid foret, atque uiam monstrauit, limite paruo / qua possemus ad id recto contendere cursu;* Lact. *Epitome* 20.4: *quorum stultitiam Lucretius grauiter inculcat dicens: et faciunt animos humiles formidine diuum / depressos que premunt ad terram: / qua reddunt nec intellegunt quam uanum sit ea timere quae feceris, aut ab iis aliquod sperare praesidium quae muta et insensibilia nec uident nec audiunt supplicentem.*

¹¹ Lact., *Inst.* 6.10.7: *itaque non errat Lucretius, cum dicit: / denique caelesti sumus omnes semine oriundi, / omnibus ille idem pater est.* Wolfgang Bernard Fleischmann, «Lucretius Carus, Titus», in P. O. Kristeller, *Catalogus translationum et commentariorum*, Washington, 1971, p. 357, comenta a extensiva assimilação de Lucrécio por parte de Lactância, apesar da condenação programática das suas ideias, e o uso de Lucrécio contra si próprio.

a explanação da breve alusão ao triunfo do apóstolo Paulo sobre as seitas epicuristas e estoicas (por sua vez relativa aos *Actos dos Apóstolos* 17.18). A explicação do humanista consiste numa capciosa síntese da teoria de Epicuro, seita contraditória e ridicularizável doutrina baseada no exclusivo prazer do corpo, recorrendo a Firmiano, Marciano Capela e até Cícero, Horácio ou Platão. Nesta síntese brilha pela ausência qualquer alusão a Lucrécio¹².

A *Epicuri stultitia* de Lactâncio ecoará também nas mordazes alusões da *Antimoria* de Barbosa, obra publicada em 1536. A sua crítica de Epicuro omite o elogio lucreciano do filósofo que abre o livro III do *De rerum natura* assim como o uso desta homenagem (Lucr. 3,1-30) no elogio de Cristo composto por Arnóbio no *Adversus nationes*. O alvo do humanista luso era menos o Epicuro antigo do que o diálogo *Epicureus* de 1518, onde Erasmo sustentava uma forma de possível conciliação do epicurismo e do cristianismo, na esteira do *De uoluptate* de Lourenço Valla. Na sua interpretação capciosa e injusta, o Louco (Erasmo) «na santidade de Jesus não acredita, prefere acreditar em Aristipo ou Epicuro, para quem Deus é ventre e o sumo bem consiste nas suas impurezas»¹³. O *Epicureus* erasmiano omitia também, por seu lado, qualquer referência a Lucrécio. Este, no entanto, ocorre numa rápida refutação satírica da *alma Venus* como motor do mundo no *Elogio da Loucura*.

Não restam dúvidas de que o Lucrécio de Lactâncio, brilhante poeta vítima de intermitentes delírios, foi do conhecimento do humanista português. E, no entanto, ao citar Lucrécio, Barbosa não sentiu qualquer necessidade de se defender sob o poderoso escudo, prestigiante e protector, do nome do autor patrístico, um dos privilegiados pelo *reuocare ad fontes* humanístico da sua formação. O seu mestre Policiano, como recordava Francisco Sánchez de las Brozas, privilegiara Lactâncio, em detrimento de Varrão, na caracterização do pastor Branco, na sua *Silva Nutricia* (vv. 213-215)¹⁴.

Ora a citação ou evocação do nome de Lucrécio, desde a época patrística até ao momento dos célebres lucrecianos, posteriores a Aires Barbosa, como Ronsard ou Montaigne¹⁵, parece ter exigido a correspondente retractação

¹² Arátor 2.8.47-49. Veja-se o texto latino e a tradução deste passo em Manso, op. cit., p. 364, e o comentário de Barbosa *ibid.*, pp. 389-391.

¹³ Aires Barbosa, *Antimoria*, ed. e trad. de Walter de Medeiros, *Aires Barbosa – escorço biobibliográfico seguido do texto e versão da Antimoria*, tese de licenciatura, Fac. Letras Univ. Lisboa, 1953, p. 166: [...] *Sancto non credit Iesu/ Morus: Aristippo plus credit, plus Epicuro/Quis deus est uenter, quis summa in turpibus eius.*

¹⁴ Luis Merino Jerez, «Las *Silvae* de Poliziano comentadas por El Brocense», *Humanistica Lovaniensia* XLV (1996), 426.

¹⁵ Segundo E. Tilson, «La forme demeure et la matière se perd». Vd. «Emplois du *De rerum natura* chez Ronsard», in *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010. pp. 201-222, 203, n.2 e 204. Ronsard terá reformulado o atomismo integrado no neoplatonismo florentino, com a sua equiparação dos átomos e as ideias platónicas. Sobre Lucrécio em Montaigne veja-se: W. G. Moore, «Lucretius and Montaigne», *Yale French Studies* 38, 109-114; M. A. Screech, *Montaigne's*

dos conteúdos ateus da obra citada, isto é, demandava uma forma de auto-exculpação, da parte do leitor e admirador da poesia de Lucrécio, de qualquer veleidade heterodoxa. Como nota Michael Reeve, já o primeiro editor de Lucrécio (Brescia, c. 1473) sentiu a necessidade de justificar a sua escolha, protegendo-se sob o argumento da sua presença em Vergílio, mesmo meio século depois da ampla divulgação da tradução bruniana das obras de S. Basílio, com a sua exaltação do proveito da literatura pagã para os cristãos¹⁶.

Neste sentido, surpreende a total omissão de qualquer justificação ou esclarecimento desta citação por parte de Aires Barbosa, um comentarista atacado por prolixo pelos seus contemporâneos professores salmantinos (acusação da qual Barbosa se defende com afínco¹⁷) e pela sua vertente ortodoxa e apologético-cristã, culminada na sua obra *Antimoria*¹⁸.

Esta segunda espécie de omissão de toda a problematização doutrinal dificilmente poderá atribuir-se a desconhecimento por parte de Barbosa dos conteúdos materialistas e irreligiosos da obra citada. Pode, no entanto, compreender-se à luz da sua formação humanística.

2. O *Lucretius integer* e a formação italiana de Aires Barbosa.

O expeditivo menospreço pelo *insipiens Lucretius* de Pico della Mirandola estava longe de ser consensual ou representativo no seu próprio meio humanístico.

A ocorrência barbosiana de 1516 surgia quase um século após o renascimento do Lucrécio *integer*, graças a Poggio Bracciolini e à sua descoberta, em 1417, durante o Concílio de Constança, do códice do século IX (O). Durante toda a segunda metade do século XV, Lucrécio foi objecto de evidente apreço, estudo e emulação, particularmente na chamada escola neoplatónica, a qual apelava a uma origem comum a filósofos e poetas-teólogos: a palavra magmática originária. Este expediente permitia resolver obstáculos como o problema crucial da expulsão dos poetas na *República* de Platão e neste quadro a obra lucreciana e até a física epicurista conheceram uma forma de integração¹⁹.

Annotated Copy of Lucretius, Genève, 1998; M. Wiesmann, «Lucrèce», in *Dictionnaire de Michel de Montaigne*, ed. P. Desan, Paris, 2004, pp. 610-612.

¹⁶ M. Reeve, op. cit., p. 29.

¹⁷ Veja-se, entre outros passos, o explícito poema que acompanha o comentário: «O mesmo Aires a um individuo que dizia ser demasiado longo este comentário», na trad. de Manso, op. cit., p. 739.

¹⁸ José Pereira Tavares, «Tradução do poema *Antimoria* e dalguns epigramas de Aires Barbosa», *Arquivo do distrito de Aveiro* 26 (Aveiro, 1960), pp. 9-82; Sebastião Tavares de Pinho, «Aires Barbosa, pedagogo e poeta», supra, capítulo quarto deste livro.

¹⁹ S. Gambino Longo, «Corriger Aristote par Lucrèce: la physique épicurienne à travers

Barbosa tinha-se formado na Itália precisamente no tempo do «Lucretian network», na expressão de Alison Brown²⁰, que marcara a ascensão do poeta latino a modelo de escrita, particularmente visível nas obras originais de Pontano e Policiano²¹.

Com efeito, os *Diálogos* de Pontano *Meteora*, *Urania* e *Actius*, publicados já em finais do séc. XV, muito deviam à leitura do *De rerum natura*. Distinguem-se por uma qualidade, também cara a Aires Barbosa, como veremos em seguida: a declarada *intentio* da educação moral dos homens. Outro instigador da imitação neolatina de Lucrécio foi Bembo, por cuja intervenção foi impresso o *De principiis rerum* de Scipione Capece. Para Bembo, Lucrécio, juntamente com Vergílio, era a expressão da máxima elegância e pureza do latim, pureza formal coerente com a supremacia do período republicano na história romana. Esta abordagem estético-política, que conheceu dois momentos de auge (Poggio e Lambin, já no *Cinquecento*), confluirá nos apelativos de *sermo purus* e *elegantia Lucretii* introduzidos por Pietro Vettori no seu comentário à *Poética* de Aristóteles de 1560²².

Por seu lado, Policiano não foi apenas admirador e emulador de Lucrécio²³, mas também um dos humanistas que se ocuparam em sarar os múltiplos *uulnera* dos obscuros versos lucrecianos, como patenteia o exemplar manuscrito Laur. 35.29. Este ostenta anotações do humanista, relevantes sobretudo porque apontam para o manuseio directo de um dos dois testemunhos mais antigos (séc. IX) da obra latina: o referido códice O (Leiden Voss. Lat. F 30) e/ou de outros manuscritos relacionáveis com este²⁴.

l'aristotélisme renaissant», *Cahiers philosophiques* 83 (Juin 2000) 33-50; C. P. Goddard, «Pontano's use of the didactic genre: rhetoric, irony and the manipulation of Lucretius in *Urania*», *Renaissance Studies* 5 (1991), 250-62.

²⁰ O estudo foca sobretudo três figuras, diversamente lucrecianas: M. Ficino, B. Scala e N. Maquiavel: Alison Brown, *The Return of Lucretius to Renaissance Florence*, Cambridge, 2010. Uma útil síntese da actividade filológica lucreciana do chanceler de Florença Bartolomeo Scala e do seu genro Marulo pode ler-se em Gerard Passannante, *The Lucretian Renaissance: Philology and the Afterlife of Tradition*, Chicago/ London, 2011.

²¹ Assim, no *Rusticus* de 1483 reelabora Lucr. 5.737-747. Fleischmann, op. cit., p. 353. Estas ocorrências devem inserir-se, como veremos, na contemporânea redescoberta de Lucrécio como modelo sublime de escrita poética. C. Isabelle Pantin, «Le *De rerum natura* comme modèle poétique. Réflexions sur quelques divergences entre l'Italie et la France», in *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010, pp. 180ss.

²² Isabelle Pantin, op. cit., pp. 180ss. Cr. Susanna Gambino Longo, «La spositione de Lucrèce par Girolamo Frachetta et les théories poétiques de la fin du XVI^e siècle en Italie», in *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010, pp. 185-200.

²³ Ida Maier aponta por exemplo a importância de Lucrécio na configuração do Amor como força cósmica na obra de Policiano: Ida Maier, *Ange Politien. La formation d'un poète humaniste (1469-1480)*, Genève, 1966, pp. 292, 324.

²⁴ O nome de Lucrécio consta já no inventário de manuscritos elaborado por Piero de Médicis em 1456, revelador do rico espólio de exemplares de autores antigos da biblioteca desta família, da qual amplamente se servirá Policiano. Por outro lado, conserva-se correspondência

Barbosa não deixará de manifestar, já como professor salmantino, a sua extensa dívida e profunda admiração por Policiano. No mesmo comentário a Arátor denomina-o *Politianus meus*²⁵ e *meus Angelus*²⁶. Este humanista, juntamente com Ermolao Barbaro e até o ‘anti-lucreciano’ Pico della Mirandola configuraram a tríade de bastiões da *expulsio barbariei* homenageada por Barbosa num dos seus epigramas:

*Rara auis in terris qualis Mirandula Picus
barbariae aut hostis Barbarus ille fuit
Angelus aut priscis cedens quia non sit in illis*²⁷

Esta forma de devoção caracteriza o célebre grupo de alunos portugueses de Policiano, consignados na *subscriptio* do incunábulo bodleiano da *Naturalis Historia* (Bodleian Library Auct.Q.1.2). Com efeito, é possível seguir a história do impacte dos *auctores* antigos ensinados pelo mestre florentino nas obras posteriormente elaboradas por humanistas portugueses, de maneira directa e indirecta, como ilustra o caso particular de Plínio em Martim de Figueiredo e em João Rodrigues de Sá de Meneses, ou dos autores elegíacos neste último. Com efeito, o alcaide-mor de Porto, apesar de não ter sido aluno do humanista florentino, formou-se no Paço manuelino determinado pelo seu magistério²⁸.

A ocorrência lucreciana de Barbosa (com a sua referida naturalidade ou laconismo) deve situar-se neste primeiro grande momento da recepção de Lucrecio²⁹ que coincide com o período da sua formação. Se o humanista luso apresenta o passo lucreciano sob o prisma bíblico, Ficino, atento leitor

entre este e Pomponio Leto, que refere o empréstimo de um exemplar de Lucrecio por este último a Policiano. Ida Maier, op. cit., pp. 65, 428, 433. Cf. Reynolds, *Texts and Transmission*, s.v. «Lucretius», Oxford, 1986, pp. 218-222, n. 26, p. 221. Cf. Reeve, op. cit., pp. 22ss.

²⁵ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 408-409: *Vnde et Politianus meus notauit scaenas a Rufino Latine appellari attegias...* Cf. Policiano, *Misc.*, 9; Manso, op. cit., n. 390, p. 768. Medeiros, op. cit., pp. 14-25, oferece um conjunto de evidências da influência de Policiano na obra de Barbosa.

²⁶ Aires Barbosa, *Idem Arius in Nebulonem grammatastam iactuose uanum*, v. 15, ed. Manso, op. cit., p. 732.

²⁷ Ed. Medeiros, op. cit., p. 27. Cf. Manso, op. cit., p. 34.

²⁸ A. M. S. Tarrío, «O *Commentum* de Martinho de Figueiredo (1529) e as lições plinianas de Policiano (*Naturalis Historia*, Bodleian Library Auct.Q.1.2) in *Os clássicos no tempo: Plínio o Velho e o Humanismo Português*, Lisboa, 2007, pp. 95-110; «A *Naturalis Historia* em Portugal», *Paisagem e erudição no humanismo português*, Lisboa, 2009, pp. 111-117.

²⁹ De acordo com Isabelle Pantin, op. cit., pp. 166-167, o regresso renascentista de Lucrecio conheceu dois momentos: uma primeira fase culminaria por volta de 1515, quando aparece a edição de Andrea Navagero, no qual se insere o comentário que acompanhou a edição de Giovanni Baptista Pio de 1511. A segunda fase culminaria com a edição de Lambin e Van Giffen. Cf. C. A. Gordon, *A bibliography of Lucretius*, London, 1962.

de Lucrécio, escrevera uma obra intitulada significativamente *De immortalitate animae*.

3. *Lucretius potionatus*. A indulgência

Esta revalorização de Lucrécio, que desviava os olhos – à diferença da de Pico della Mirandola – do sentido final da obra, do seu radical materialismo e da sua apologia anti religiosa, para se concentrar na beleza e profundidade de muitos dos versos lucrecianos, apoiava-se na já vetusta teoria das intermitências na escrita dos livros do *De rerum natura*, consequência da proverbial loucura do seu autor.

Essa loucura fora particularmente estudada por Ficino, em cuja obra constitui presença relevante o *non sanus Lucretius* e os seus *impia dicta*, que o humanista tratou de confutar, segundo as palavras do seu amigo Policiano³⁰. Seguindo a sua teoria da *uacatio animae*, Cornelius Agrippa, na sua obra *De occulta Philosophia* (obra que conheceu circulação manuscrita desde 1510), identificava Lucrécio, juntamente com Homero, entre os seres desequilibrados, os quais, por um súbito *furor*, escreviam poemas divinos que nem eles próprios compreendiam³¹.

A indulgência para com as flagrantes impiedades do poeta sublime era recorrente nas biografias lucrecianas, de alargada difusão desde as últimas décadas do século XV³². Assim acontece na *Vita* de um discípulo de Policiano, Pietro Crinito, inserida na sua obra *De poetis latinis* (Florença, 1505)³³.

A recuperação da sua breve e romanesca vida prendera-se aliás com a vaga biográfica mais vasta relativa aos filósofos antigos, esplendidamente representada por Rafael na sua *Escola de Atenas* (1510-1512), sintomaticamente ideada para uma das salas do Vaticano, e que fora desenvolvida no humanismo quatrocentista sobretudo a partir da redescoberta e tradução latina de Diógenes Laércio, em circulação manuscrita desde a sua elaboração, entre 1424 e 1433, e

³⁰ *Impia non sani turbat modo dicta Lucreti, Angelus Politianus Bartholomaeo Fontio*, ed. Ida Maier, op. cit., p. 75.

³¹ Cornelius Agrippa, *De occulta Philosophia libri tres*, Basileia (?), [s.l.], 1533, BNM R/16104, III, 31, fol. 104: *Plerumque etiam uidemus homines melancolicos rudes, ineptos, insanos, quales legimus extitisse Hesiodum, Jonem, Tymnicum Calcidensem, Homerum et Lucretium, saepe furore subito corripi ac in poetas bonos euadere et miranda quaedam diuinaque canere etiam quae ipsimet uix intelligant*. Veja-se o comentário a este passo de Raymond Klibansky, Erwin Panofsky, Fritz Saxl, *Saturno y la melancolía*, Madrid, 2006, 340, n. 353.

³² G. Solaro, *Pomponio Leto, Lucrezio*, Palermo, 1993; *Lucrezio: biografie umanistiche*. Bari, 2000.

³³ Pietro Crinito, *De poetis latinis*, Florença, impr. Giunta, 1505, «Liber Secundus», fol. b 2 vº; cf. Leofranc Holford-Strevens, «Horror Vacui in Lucretian Biography», *Leeds International Classical Studies* 1.1 (2002), 1-23.

de mais alargada difusão a partir da *editio princeps* de 1472³⁴. Diógenes Laércio dedicou uma das mais extensas das suas *Vidas*, a décima, ao paradigma de Lucrécio, Epicuro³⁵.

A carta dedicatória da tradução, escrita por Ambrogio Traversari a Cosme de Médicis, consagra e santifica a aproximação humanística aos *príncipes da sabedoria secular* (*sapientiae saecularis principes*), úteis para o estudioso laico pelas suas lições de virtude e continência, modéstia e frugalidade³⁶. A leitura renascentista das *Vidas dos Filósofos Antigos*, como consigna a *Escola de Atenas* de Rafael, encerrava uma forma de reverente consideração e simultaneamente sublinhava a liberdade e a excelência da escolha cristã, a sua superioridade tanto mais magnificada pela eminência filosófica dos seus precedentes pagãos, que, muito embora a intervalos, participaram da luz natural da razão concedida por Deus.

O Lucrécio *potionatus* de Lactânio, vítima de um *furor* comparável ao do próprio Vergílio, ressurgia, em consequência, na secção *Poetae Vita* das sucessivas edições impressas do *De rerum natura* à disposição do humanista português. Também não falta no comentário de Baptista Pio de 1511: *ele escrevera alguns livros nos intervalos da loucura, tomado do furor, depois de ter ingerido uma poção amorosa*³⁷.

Paralelamente às manifestações de indulgência e de parcial integração de Lucrécio, não faltou na cultura humanística a pura aceitação do erro lucreciano, da sua condição de *plenus mendaciorum*, da sua grave distância relativamente a outros autores pagãos como Platão ou Cícero. A sua

³⁴ A. Sottili, «Il Laerzio latino e greco e altri autografi di Ambrogio Traversari», in *Vestigia: studi in onore di Giuseppe Billanovich*, ed. R. Avesani et al. (2 vols.), vol. 2, Roma, 1984, pp. 699-745.

³⁵ Diógenes Laércio, *Vitae et sententiae philosophorum*, trad. lat. Ambrosius Traversarius, ed. Benedictus Brognolus, Venetiis, per Peregrinum de Pasqualibus, 19 Julho 1493 (BNP INC. 874), «Liber Decimus», fols. lxxxix-cxii. Na folha da Tabula deste incunábulo encontramos marca de posse: «Da livreria de São Bento de Xabregas». Este exemplar carece de página de rosto.

³⁶ Diógenes Laércio, op. cit., fol. ii, *Fratri Ambrosii Diogenis Laertii opus ad Cosmam medicem epistola: [...] multa in his et dicta grauius et facta constanter inuenias, ut non modo ex illorum libris fidem inuiolabilis ueritas capiat, uerum exemplis quoque religioni nostrae incitamentum uirtutis accedat, quodam foedum enim quodamque plenum dedecoris est, si christianum hominem et de deo suo pendentem et cui aeternae uitae spes certa sit, uirtuti et continentiae dare operam pigeat, cum gentiles uiros et a ueri cultu dei ac religione longe alienos probitati modestiae frugalitati caeterisque id genus animi humani ornamentis impensius studuisse comperit.*

³⁷ Johannes Baptista Pius, «In Carum Lucretium auctore Pio...», *In Carum Lucretium poetam Commentarij a Ioanne Baptista Pio editi: codice Lucretiano diligenter emendato ...*, Bononiae, typis excussoriis editum in ergasterio Hieronymi Baptistae de Benedictis Platonici Bononiensis, 1511, BNP RES. 461 A., fol. a: *qui postea amatorio poculo in furorem uersus cum aliquot libros per interualla insaniae conscripsisset...*; cf. *ibid.*: *quoniam auctore Lactantio libro de optitico Epicuri sunt omnia quae delirat Lucretius.*

leitura justifica-se porque faria brilhar com mais esplendor a verdade cristã nos olhos do leitor contemporâneo. Esta é a posição que encontramos na segunda edição aldina de Lucrecio, na carta introdutória dedicada pelo célebre impressor-humanista ao príncipe Pio Alberto de' Carpi, sobrinho de Giovanni Pico della Mirandola, seu discípulo desde 1485. O Lucrecio de 1515 seria o último trabalho de Aldo Manúcio e a carta dedicatória seria considerada o seu testamento espiritual:

En igitur tibi Lucretius, et poeta et philosophus maximus uel antiquorum iudicio, sed plenus mendaciorum. Nam multo aliter sentit de Deo, de creatione rerum quam Plato, quam caeteri Academici, quippe qui Epicuream sectam secutus est. Quamobrem sunt qui ne legendum quidem illum censent Cristianis hominibus, qui uerum Deum adorant, colunt, uenerantur. Sed quoniam ueritas quanto magis quaeritur tanto apparet illustrior et uenerabilior – qualis est fides catholica quam Iesus Christus Deus Optimus Maximus, dum in humanis ageret, praedicauit hominibus – Lucretius, et qui Lucretio sunt simillimi, legendi quidem mihi uidentur, sed ut falsi et mendaces, ut certe sunt³⁸.

4. *Lucretius elegans* modelo de escrita filosófica e teológica

No antagonismo Lucrecio-Escoto da citada carta de Pico della Mirandola cristalizava um decisivo debate contemporâneo entre filósofos e humanistas. Nesta epístola, Pico surgia como inusitado defensor da Escolástica contra os reiterados ataques dos humanistas italianos, desde as violentas diatribes de Lourenço Valla até aos postulados dos humanistas mais jovens, seus contemporâneos, como Barbaro ou Policiano, igualmente comprometidos com a erradicação da bárbara língua latina escolástica.

O nome de Lucrecio aparecia provocadoramente na pena de Pico como o *auctor* mais controverso e problemático, do ponto de vista da concepção valense da *mera latinitas* restaurada, como base primordial e imprescindível para qualquer tipo de discurso, para todas as ciências e saberes. O caso de Lucrecio, com efeito, punha mais a nu as contradições e os limites da exaltação da pureza e beleza linguística como condição *sine qua non* para a produção de obras relativas à Filosofia Natural. De acordo com Pico, toda a supremacia formal do autor do *De rerum natura* não bastava e desde logo não seria possível usá-lo como paradigma, por causa da sua máxima ignorância ou incompetência do ponto de vista doutrinal. Em consequência, até a aridez extrema do latim de Duns Escoto lhe era superior.

³⁸ Aldo Manúcio, «Carta-prefácio a Pio Alberto de' Carpi», ed. in *Aldo Manuzio editore – Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, introd. Carlo Dionisotti, trad. ital. Giovanni Orlandi, I, Milão, 1975, p. 153.

A discussão, em todo o caso, põe de manifesto o facto de que, na Florença estritamente contemporânea do período de formação de Aires Barbosa, a obra de Lucrécio detinha um papel relevante numa controvérsia que se tornará de capital importância para o próprio humanista português (de acordo com a sua produção posterior): a que opunha os partidários de retorizar a Teologia e a Filosofia (na esteira de Valla), e, por outro lado, os defensores da idiossincrasia da linguagem teológica e filosófica, alheia aos paradigmas da Retórica (os defensores do escolasticismo)³⁹.

O autor do comentário a Arátor situa-se claramente nas filas dos anti-escolásticos, que apresentavam como antídoto da esquelética teologia escolástica a literatura antiga e patrística e os próprios livros da Sagrada Escritura. Neste ponto, apesar dos impropérios anti-erasmianos do seu *Antimoria*, Barbosa partilhava a apetência pelas primigénias fontes bíblicas e patrísticas, invocada por Erasmo no seu prefácio *In Nouum Testamentum*⁴⁰.

Da sua particular batalha declarada contra a linguagem metafísica escolástica dão conta polémicas pessoais com o corpo docente escolástico da Universidade de Salamanca⁴¹.

É neste quadro, aliás, que a citação de Lucrécio ganha nova luz: *De rerum natura* proporciona uma mina de exemplos de uma poesia de alta exigência conceptual e da máxima elegância e contenção, privada de toda a ornamentação supérflua. A exposição clara de matérias difíceis e obscuras, princípio estilístico consagrado pelo próprio poeta latino⁴², proporcionava um modelo apto para as diversas tipologias da poesia didáctica ou técnica. Com efeito, o Lucrécio «polymathes» tocara muitos domínios: Física, Metafísica, Política, Ética e também Teologia⁴³.

O leitor do Lucrécio explicado por Baptista Pio em 1511 (na esteira de Pontano e Bembo⁴⁴) era confortado, logo na abertura do comentário, com a

³⁹ A apologia do novo latim teológico, central na obra de Valla, Erasmo e Melanchton, é visível igualmente no comentário a Arátor de Barbosa. Um útil quadro de conjunto desta questão no humanismo italiano e português em Leonel Ribeiro dos Santos, «A Teologia Retórica dos humanistas», in *Linguagem, Retórica e Filosofia no Renascimento*, Lisboa, 2004, pp. 79-115.

⁴⁰ Erasmo, *In Nouum Testamentum Praefationes in Ausgewählte Schriften*, ed. latim-alemão W. Welzig, Darmstadt, 1967, vol. III, p. 22. Veja-se a citação e comentário deste passo em Leonel Ribeiro dos Santos, op. cit., pp. 50ss.

⁴¹ É particularmente eloquente o *Arii Barvosae Lusitani ad iuvenes studiosos bonarum litteratum praefatio in Secundum Comentarium*, ed. e trad. Manso, pp. 92- 121.

⁴² Lucr. 1.920ss. A clareza constituía a única virtude de estilo para Epicuro, segundo Diógenes Laércio (Vit. 10.13). Lucrécio criticou a obscuridade de Heraclito (rer. I. 639ss) e considerou a própria linguagem como fonte de iluminação (Lucr. 2.941ss; 2.1114ss.). Cf. o comentário de Bailey a *De rerum natura*, Oxford, 1972, p. 959.

⁴³ F. Hallyn, «Poésie et savoir au Quattrocento e au XVIe siècle», in P. Galland-Hallyn et F. Hallyn (dir.), *Poétiques de la Renaissance*, Genève, 2002, pp. 167-209.

⁴⁴ Isabelle Pantin, op. cit., pp. 180ss.; Gambino Longo, «La spositione de Lucrèce...», op. cit., pp. 199-200.

«vénia» concedida a Lucrécio por parte de Jerónimo, Agostinho e Lactânio. Os autores patrísticos tinham valorizado a sua fuga do mero ornamento, comandada pela sua vontade de instruir, evocando para este efeito precisamente o livro II, o citado por Barbosa em 1516⁴⁵.

No prefácio à referida obra *Antimoria*, dedicado ao Cardeal-Infante D. Afonso, o humanista luso elabora uma significativa distinção entre a poesia, como disciplina da exactidão e da contenção, e a prosa, como discurso susceptível de expansão sem limite e sem medida. Esta distinção visava atingir a promiscuidade verbal da prosa de Erasmo (*undanti solutae uocis eloquio*) no seu *Encomium Moriae* e contrapor-lhe o seu próprio verso na obra *Antimoria*, verso prudente, submetido às leis métricas, impedido da divagação⁴⁶. Lucrécio proporcionava uma lição exímia neste sentido.

Se alguma dúvida nos assaltasse sobre a importância da leitura de Lucrécio na procura barbosiana de uma norma de escrita poético-técnica, marcada pela exactidão e pela contenção, encontraríamos um sólido argumento na valorização da poesia de Aires Barbosa por parte de um humanista português contemporâneo.

A «Carta-Prefácio» de Jorge Coelho à *Antimoria* de Barbosa abona o *oximoron* que nos ocupa: «Li e reli, com avidez e aguilhoada sofreguidão o teu poema de elegância rara, consumado rival do estilo lucreciano; por ele te dou os meus parabéns, à pátria e, em especial, a toda a gente de bom senso»⁴⁷.

Jorge Coelho exaltou a erudição e a elegância formal, à maneira do *De rerum natura*, do *Antimoria*, na qual «pleiteia a sisudez com a erudição, com a leveza a facilidade, com a finura de expressão, a finura do carne»⁴⁸.

Na *Antimoria* encontramos efectivamente passos que revelam de maneira indubitável a sua atenta leitura de *De rerum natura*. Assim o excerto sobre a permanente mudança do mundo, antecipação dos célebres versos camonianos: «Modificações, alternâncias, nascimentos, corrupções – tudo neste mundo, por sua influência, está sujeito a transformações, mudanças, variações, renovações: os elementos da natureza, o seu aspecto geral, o mar, as raças, as terras, os reinos,

⁴⁵ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. a vº: *etiam postquam Ciceronem Hieronimum, Lactantium Augustinumque danda Lucretio ea uenia: quam sibi libro secundo Manlius deprecatur ita canens: ornari res ipsa negat, contenta doceri.*

⁴⁶ Aires Barbosa, *Arii Barvosae Lusitani Praefatio in Antimoriam ad Illustrissimum S. R. Ecclesiae Cardinalem et Portugaliae Infantem D. Alfonso*, ed. Medeiros, p.135: *Erasmus undanti solutae uocis eloquio, qua libitum est illi digredi, excurrit. Nobis placuit prudentium imitari carmen scribentibus, qui pedum numeris astricti, libere diuagari non possumus.*

⁴⁷ Jorge Coelho, «Georgius Coelius Ario Baruosae suo S. P. D», ed. trad. Medeiros, op. cit., p. 126: *Perlegi auido et iandudum sitiente animo elegantissimum tuum poema Lucretianae phraseos foeliciter aemulum in quo non minus tibi et patriae quam omnibus recte sentientibus gratulor.*

⁴⁸ Jorge Coelho, ed. trad. Medeiros, op. cit., p. 127: *Certat cum rerum scientia grauitas; cum facundia uenustas; cum sententiarum acumine carminis elegantia.*

as cidades, os sentimentos, as instituições, as casas, a linguagem. Manifesta tudo o que se oculta sob a terra, oculta o manifesto, ora eleva, ora abaixa a natureza inteira»⁴⁹.

O apreço por Lucrécio, tal como a devoção por Policiano, parece não ter abandonado Barbosa ao longo da sua vida, ainda que, em 1517, o Sínodo florentino tivesse proibido a leitura de Lucrécio nas escolas e também apesar do juízo de Pietro Crinito sobre certa dureza do verso de Lucrécio, apreciação de considerável expansão pela sua inclusão na edição giuntina de 1512⁵⁰.

5. *Praecepta sapientiae* em *De rerum natura*

Já a referida e consagrada fragmentação escolar de Lucrécio, particularmente valiosa para a aprendizagem da técnica de construção hexamétrica, continha também outra potencialidade (derivada da prática epicurista): a de proporcionar um repositório de enunciados sobre Filosofia Natural fáceis de digerir e memorizar em máximas. Esta potencialidade didáctica técnico-naturalística de Lucrécio, perceptível na sua recepção antiga e medieval (de Cícero a Isidoro, Sisebuto ou Rabano Mauro)⁵¹ e que será aproveitada por Montaigne para a sua própria escrita ensaística⁵², seguramente atraiu também Barbosa.

Particularmente caras ao professor salmantino seriam as advertências de Baptista Pio sobre a necessidade de formação filosófica do «gramático» e a sua insistência na utilidade de Lucrécio no campo da Filosofia Natural. Nos versos do poeta, tal como nos de Empédocles e Varrão, encontravam-se preceitos sábios: *qui praecepta sapientiae uersibus tradiderunt*⁵³.

O comentário de Baptista Pio ao passo citado por Barbosa incidia no seu significado meramente naturalístico, sem qualquer referência à harmonização com a doutrina cristã. O humanista clarificara o sentido destes versos com o exemplo do caso da chuva⁵⁴.

Ainda que com suprema concisão, Barbosa quis frisar porém a piedade cristã do verso lucreciano (*hoc uerum est quatenus Christiane pietati congruit*), alguns anos depois, no âmbito hispânico mais confuso das primeiras

⁴⁹ Aires Barbosa, *Antimoria*, ed. trad. Medeiros, op. cit., pp. 161-162: *Afficit alternat gignit corrumpit et infra/ Omnia transformat, mutat uariatque nouatque/ Rerum naturam, faciem, mare, nomina, terras/ Regna, urbes, habitus, mores, habitacula, linguas./ Quicquid sub terra est, profert, prolata recondit./ Et sursum uersat et uersat cuncta deorsum.*

⁵⁰ Fleischmann, op. cit., p. 353.

⁵¹ Fleischmann, op. cit., pp. 349-50.

⁵² Emmanuel Naya, «Conclusion», *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010, pp. 236-237.

⁵³ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. a vº.

⁵⁴ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. lxvii vº: *cedit retro: reuertitur, retrocedit, omnium rerum quaedam uicissitudo est, exempli ratia pluuiæ de caelo descendit in terras, e terris scandi in caelum, corpora cum uitæ limen attingunt educuntur de corpore materiae, cum obeunt in materiam reuertuntur et ita multiplex est generationis corruptionisque uicissitudo.*

controvérsias doutrinárias. No comentário a Arátor, publicado um ano antes da fixação das célebres teses de Lutero no castelo de Wittenberg, Barbosa registou as suas opiniões acerca das candentes discussões contemporâneas sobre o livre arbítrio e a predestinação, num período anterior à rigidez crescente das divisões doutrinárias: «todos quantos se salvam são resgatados somente pela compaixão divina e não por merecimento algum da sua parte». No entanto, o homem *é predestinado porque as suas boas obras, de alguma maneira realizadas a partir do livre arbítrio, são previstas por Deus. Com efeito, embora a justificação ou a gratificação nos auxilie sobretudo a partir do Céu, porém, ela não costuma existir sem a cooperação e a preparação do livre arbítrio. Diz Agostinho: «De facto, quem te fez sem ti não te justificará sem ti»⁵⁵.*

Esta vontade de congruência parcial entre o poeta materialista e a piedade cristã, como vimos, apostava numa estratégia herdada, patrística (o autor pagão deixava escapar a verdade pela própria força desta), abordagem esta que conviveu na produção humanística com o aberto reconhecimento da irredutível estranheza doutrinal de *De rerum natura* relativamente ao pensamento cristão.

O extremo laconismo da ressalva barbosiana aponta, por outro lado, para um leitor seguro, confiante nas suas convicções religiosas. Neste ponto, partilhava da premissa de leitura das *Vidas dos filósofos antigos* de Diógenes Laércio explicada por Ambrogio Traversari a Cosme de Médicis (*si christianum hominem et de deo suo pendentem et cui aeternae uitae spes certa sit ... [...] impensius studuisse comperit*⁵⁶). Esta forma de confiança caracterizará também a aproximação a Lucrécio do seu célebre comentarista posterior, o «huguenote» Denis Lambin. Este tipo de leitor forte, descendente de Lactâncio, verifica que a luz da verdade é tanta que até o próprio poeta a teria deixado escapar contra si próprio.

Não por casualidade o passo citado por Barbosa foi precisamente também evocado por Lambin, com a finalidade de sublinhar a infiltração da verdade religiosa na obra ímpia do poeta latino:

Acaso não é tanta a força da verdade que até o próprio Lucrécio, no livro anterior, se viu obrigado a confessar imprudentemente que as almas imortais regressam ao céu, de onde partiram?⁵⁷

⁵⁵ Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 331, 325.

⁵⁶ «Fratri Ambrosii ...», in Diógenes Laércio, op. cit., fol. ii.

⁵⁷ Denis Lambin, *T. Lucreti De rerum natura libri VI...*, cit. por Élodie Argaud, «L'autre moitié du projet. Enjeux philosophiques de l'édition du *De rerum natura*. Lambin et la *dissensio* sur le corp et l'âme», in *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010, pp. 47-82, pp. 53-54: *Quid quod tanta uis est ueritatis, ut Lucretius ipse libro superiore animos esse immortales, iisque in caelum, unde profecti sunt, reductum patere imprudens atque adeo inuitus fateatur?*

O comentador português de Arátor justifica reiteradamente o seu trabalho como contributo para a necessária formação teológica e ética dos *studiosi*, contra o monopólio defensivo e especializado dos teólogos escolásticos. De acordo com a interpretação humanística de Lucrécio, o alvo da sua escrita não era o especialista fechado na sua nomenclatura hermética mas o homem secular, ao mesmo tempo contemplativo, que interroga o espectáculo do mundo e tenta encontrar um sentido para a sua vida e para a vida colectiva de todos os homens. *De rerum natura* era edificante porque procurava para o homem o controlo de todos os medos, alívio para a angústia.

Baptista Pio tinha sublinhado o objectivo de comum utilidade (*intentio sane uatis est communis utilitas*), a pia intenção de Lucrécio, habilmente relacionado com o venerado Vergílio⁵⁸:

Esta obra procura libertar a mente, sediada pelas névoas da ignorância, e conduzi-la para aquela felicidade prometida que Vergílio cantava assim: «Feliz aquele que pôde conhecer as causas das coisas e que submeteu aos seus pés todo o medo e o destino inexorável e o fragor do avaro Aqueronte»⁵⁹.

A vontade de harmonização de Lucrécio com a doutrina cristã responde não apenas a uma tendência patrística e humanística, mas também à lógica privada de afinidades electivas de Aires Barbosa.

A sua filologia persegue um objectivo transcendente para além da mera exibição de erudição antiquária individual⁶⁰. Há uma clara e constante fome de finalidade na sua cultura, de uma «meta para onde se dirija e para a qual aponte o arco» (outra pungente citação sua do satírico Pérsio⁶¹). Este objectivo é a identificação de uma norma de vida apta para o homem civil, porque *de que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro mas sofrer a perda da sua alma?*⁶².

Esta posição é a espinha do apologético «Prefácio... dirigido aos jovens estudiosos das belas-lettras» (*Arii Barvosae Lusitani ad iuvenes studiosos bonarum litteratum praefatio in secundum commentarium*).

O seu comentário a Arátor imprime-se sintomaticamente balizado de alegações de um homem secular que ataca o sentido de posse por parte de

⁵⁸ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. a vº.

⁵⁹ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. a: *In hoc opere intendit mentem nebulis inscitiae circumfusam liberare et ad illam felicitatem inducere quam Maro polliceturam ita canens: "Felix qui potuit rerum cognoscere causas atque metus omnis et inexorabile fatum subiecit pedibus strepitumque Acheronti avari". Cf. Verg. Geor. 2.490-492.*

⁶⁰ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 115ss.

⁶¹ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 102-103: «Pergunto-lhes se pensam que o homem nasceu por acaso e em vão, ou se ele tem alguma meta *quo tendat, et in quod derigat arcum*, como diz o satirógrafo». Cf. Pers. 3.60.

⁶² Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., p. 113.

clérigos exclusivistas e arrogantes relativamente aos assuntos «sacros e celestes»: *não são teus os enigmas do direito divino* (*non tua sunt iuris diuini aenigmata*), diz Barbosa a um teólogo que o recriminava porque a obra de Arátor devia ser explicada por um professor de Teologia. O melhor argumento é a reivindicação do sentido total do *grammaticus antiquus*, *cui nullo limite census erat*⁶³.

Importou ao humanista luso demarcar-se da erudição escrupulosa e infrutuosa (*scrupulosa infructuosaque disquisitio*) dos *miseri philologi*, com as suas *aniles ac fabulosae uanitates*⁶⁴, invocando uma erudição viva, com sentido para além de si própria⁶⁵. Inseria-se assim numa linha crítica às questiúnculas humanísticas meramente eruditas, já fundamental na obra de Erasmo e Vives e característica de certo humanismo extra-pirinaico, no qual encontramos Cornelius Agrippa⁶⁶. Novamente se verifica a confluência substancial de postulados letrados, à revelia da árida contestação que encontramos na *Antimoria*, onde Erasmo, o moralista da Cristandade, é abusivamente tratado como debochado epicurista.

Tal como Erasmo, Barbosa instrumentalizou todo o saber antigo para a edificação do homem interior invisível e imortal (*homo interior, inconspicibilis immortalisque*)⁶⁷, até o autor que tinha negado a imortalidade da alma, pois nele encontrava a perspetivação ética ou prática do saber e um modelo poético de contenção formal, assim como a cor retórica apologética que procurava para a sua própria obra.

Com efeito, a *Moria*, a Loucura, consistia para Barbosa precisamente no abandono dos homens às paixões, coincidindo neste ponto com postulados lucrecianos: *Loucura, porém, recorre à perversidade das paixões para exacerbar a miséria do homem – afastado (mal dele!) por sua cegueira, das bênçãos da luz...*⁶⁸. Não divergia também, em substância, das convicções do próprio Erasmo subjacentes na sua sátira mordaz, o *Elogio da Loucura*.

6. O Lucrécio de Aires Barbosa

Menos seguro e claro é o caminho que conduz ao tipo de manuscrito ou edição de Lucrécio que compulsou o humanista.

⁶³ Aires Barbosa, «O português Aires Barbosa a um certo teólogo que afirmava que a obra de Arátor devia ser explicada não por um professor de Humanidades mas por um de Teologia», ed. e trad. Manso, op. cit., pp. 728-729.

⁶⁴ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 108-109.

⁶⁵ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 158-159

⁶⁶ Jorge A. Osório, «Humanismo e História», in *Congresso Internacional Humanismo Português na Época dos Descobrimentos*, Coimbra, 1991, pp. 462-63.

⁶⁷ Aires Barbosa, *Aratoris...*, op. cit., pp. 104-105.

⁶⁸ Aires Barbosa, *Antimoria*, ed. trad. Medeiros, op. cit., p. 145: *Moria sed caecos a sacro lumine pulsos/ Heu, miseros homines prauis affectibus angit....*

Já estabelecido na Universidade de Salamanca como professor, e sem excluir a hipótese do manuseio de uma cópia manuscrita⁶⁹, é muito provável que considerasse o campo das edições impressas para ler um texto particularmente rico em termos obscuros, palavras desconhecidas, versos não métricos e formas estranhas.

Por volta de 1516, além das primeiras edições⁷⁰, podia contar com a do camaldulense Petrus Candidus (Pietro da Portico) publicada por Giunta em 1512, edição que só seria superada, em rigor, pelo trabalho de Lambin, impresso em 1564. A Giuntina era a quinta edição da obra e considerava o texto fornecido por Avancius na primeira aldina de 1500 e também o criticismo textual de Policiano, Pontano e Marulo⁷¹. Ou então já podia recorrer também à edição de Andrea Navagero de 1515, a sexta edição e a segunda aldina, a qual melhorava substancialmente a primeira impressa por Aldo Manúcio em 1500, mas não supôs um avanço decisivo relativamente à edição de 1512.

A edição de Aldo de 1500 incorporara uma *Tabula* analítica de assuntos principais de comentário de acordo com a análise humanística, uma forma de fragmentação que facilitava a neutralização doutrinária. Esta prática foi seguida pelas edições seguintes durante o século XVI⁷².

Barbosa podia contar também com o primeiro comentário humanístico de Lucrécio, já referido, da autoria de Johannes Baptista Pius (acompanhado da consabida aprovação: *omnia orthodoxae fidei subiicio*), tanto na sua primeira edição (1511) como na reedição de 1514. Precedido de uma *praelectio* de 1501, o trabalho do humanista bolonhês também dependia, relativamente ao texto oferecido, do texto de Avancius publicado na primeira edição aldina⁷³.

Interessa notar que estas três edições de Lucrécio, mais próximas da elaboração do comentário barbosiano, remetiam, em diferentes graus, para o trabalho editorial de Aldo Manúcio, à luz da aparente relevância do modelo

⁶⁹ Um dos manuscritos *recentiores* de Lucrécio conserva-se na Biblioteca Nacional de Madrid: Nac. 2885 (S). Ostenta marca de copista (*Ambrosius scripsit*) e de posse (contém o escudo dos Martinozzi de Siena). Segundo Reeve, op. cit., p. 22, tratar-se-ia de um manuscrito dependente de A, o qual conteria as emendas de Antonio Beccadelli (Panormita) ou da sua escola.

⁷⁰ A *princeps* (Brescia, 1473) seguiram-se as de Verona (Paulus Fridenperger, 1486), Veneza (Theodorus de Ragazzonibus, 1495), e finalmente a primeira aldina (Verona, Avancius, 1500); cf. Fleischmann, op. cit., p. 351.

⁷¹ Desta edição conserva-se um exemplar na Biblioteca Nacional de Portugal: Florença, Filipo Giunta, 1512, BNP RES. 2570. Ostenta marca de posse do Colégio de Jesus (Coimbra) (Da «Livreria do Mestre de Matemática»). Da circulação peninsular das outras duas edições referidas dão conta os exemplares conservados na Biblioteca Nacional de Madrid: Veneza, ed. Aldo Manúcio, Dezembro de 1500, BNM INC/1067 e Veneza, ed. Aldo et Andreae soceri, Janeiro de 1515, BNM R/1807.

⁷² Fleischmann, op. cit., p. 351.

⁷³ Desta segunda impressão de 1514 conserva-se um exemplar na Biblioteca Central da Marinha: RDa6-02.

aldino na Universidade salmantina. Em 1513, quando Demetrius Ducas chegou a Alcalá de Henares, dos catorze textos gregos que possuía a nova Universidade, pelo menos metade saíram da imprensa aldina, de acordo com Lowry⁷⁴. Clive Griffin assinala o volume convincente de indícios que atestam o renome do trabalho editorial de Aldo no seio do humanismo peninsular, incidindo na considerável influência dos tipos aldinós nos exemplares produzidos pelos prelos universitários (Alcalá de Henares e Salamanca)⁷⁵.

Com efeito, a prática editorial aldina tinha sido a imitada pelas edições salmantinas de Prudêncio *cum commento*, devidas a Nebrija⁷⁶, e Aires Barbosa, o seu herdeiro espiritual⁷⁷, também publicou as suas obras, incluindo o comentário a Arátor, nos mesmos prelos salmantinos⁷⁸.

Uma predileção especial pelo trabalho editorial de Aldo relativamente a Lucrécio seria de esperar, de resto, no humanista português, porque fora seu condiscípulo no *studium* florentino, tal como do próprio Papa Leão X, filho de Lourenço de Médecis. José de Pina Martins tem sublinhado a relação especial de Aldo Manúcio com o reino de Portugal, assim como do Papa filo-luso Leão X, patente na carta que abre o Platão grego de 1513, dedicada precisamente a este 'Príncipe da Igreja'⁷⁹.

A sua lição da obra de Arátor seguia aliás a disponibilizada na primeira edição aldina, assim como o título *Historia Apostolica*, em vez de *De Actibus Apostolorum* ou *In Apostolorum Acta*. Preferia assim a edição impressa por Manúcio e não a posterior, preparada pelo humanista Wilhem Seszler (Estrasburgo, 1507) e impressa pelos Gruniger⁸⁰.

Os três versos do *De rerum natura* transcritos por Barbosa, no entanto, são bastante enigmáticos, confrontados com este trabalho editorial sobre Lucrécio.

⁷⁴ M. Lowry, *The World of Aldus Manutius: Business and Scholarship in Renaissance Venice*, Oxford, 1979, p. 286. Cf. Martín Abad, *La imprenta en Alcalá de Henares (1502-1600)*, Madrid, 1991, I, p. 82.

⁷⁵ Clive Griffin, «Aldus Manutius's influence in the Hispanic World», *Aldus Manutius and Renaissance Culture. Essays in Memory of Franklin D. Murphy*, Florença, 1998, pp. 323-333, pp. 323ss.

⁷⁶ Griffin, op. cit., pp. 324-325.

⁷⁷ Manso, op. cit., pp. 52ss.

⁷⁸ F. González Vega, «Textus cum commento: ensayo de tipología del libro humanístico», *Veleia: Revista de Prehistoria, Historia Antigua, Arqueología y Filología Clásicas VIII-IX* (1991-1992), 449-466.

⁷⁹ José de Pina Martins, «Descobertas filológicas e Descobrimentos portugueses numa carta de Aldo Manuzio a Leão X (1513)» in *Humanismo Português na época dos Descobrimentos*, Coimbra, 1993, pp. 425-437. No mesmo grupo de condiscípulos contava-se também provavelmente o franciscano Urbano da Belluno (1443-1524), professor de Grego na última década de 90 do século XV em Veneza e tutor do futuro Papa Leão X. Vd. Lilian Armstrong, «Benedetti Bordon, Aldus Manutius and Lucantonio Giunta. Old links and new», *Aldus Manutius and Renaissance Culture. Essays in Memory of Franklin D. Murphy*, Florença, 1998, pp. 161-183, p. 168.

⁸⁰ Manso, op. cit., p. 69, n. 241.

Apresentam lições problemáticas, ausentes nas edições humanísticas referidas: *terram* (não *terras*) *stellantia* (em vez de *rellatum/fulgentia*) e *receptat* (em vez de *receptant*), e também diversas da edição que acompanha o comentário de Baptista Pio, que não lhes dedica qualquer comentário de crítica textual⁸¹.

Da misteriosa *stellantia* de Aires Barbosa nada conseguimos encontrar nas edições antigas e modernas consultadas, nem nas de Lucrécio nem nas de Lactâncio, o qual, como vimos, oferece uma valiosa tradição textual indirecta para estes três versos. Também não há vestígios de quaisquer anotações manuscritas a este passo nos exemplares impressos da obra de Barbosa conservados, que poderiam dar-nos alguma pista neste sentido⁸². É possível que o humanista luso citasse de cor a partir da variante «fulgentia», recorrente em Lactâncio, ou talvez tivesse encontrado esta lição num manuscrito desconhecido, ou até – hipótese menos provável – tivesse incorporado uma conjectura silenciosa.

7. Conclusão

A ocorrência lucreciana de Barbosa condiz com a recepção «proteiforme» do poeta latino no Renascimento⁸³ e responde mais particularmente ao momento lucreciano da formação italiana do humanista luso.

⁸¹ Johannes Baptista Pius, op. cit., fol. lxxvii vº.

⁸² Surge limpo de qualquer anotação a este passo o exemplar Aires Barbosa, *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica...*, Salmanticae, 1516, BNP Res. 3306V, fol. cxxxvº. O mesmo encontramos no BNP Res. 3307V, com marca de posse «Do Collegio do Porto», muito danificado e bastante anotado com intervenções manuscritas em grego e em latim. Igualmente limpo de anotações na secção em causa, apesar de extraordinariamente anotado noutras secções, está o exemplar BNP Res. 1046//2 A, encadernado com a obra de Santo Tomás de Aquino, sem página de rosto *Diui Thomae Aquinatis In tres Psalterum primos nocturnos dilucidissimae expositiones in lucem castigatissimae nuperrime prodeuntes* (BNP Res. 1046//1 A). Este exemplar do Comentário a Arátor ostenta numerosas anotações, em grego e em latim, particularmente no livro primeiro, algumas das quais consistem em reacções críticas do leitor da obra de Barbosa. Assim, por exemplo, no fol. iiii, na margem do comentário de Barbosa surge a nota: «Non». Este leitor crítico aplicou o mesmo expeditivo advérbio noutros passos. Veja-se fol. vi. Por seu lado, o exemplar INC. 1536, que apresenta marca de posse «De Bellem», encadernado com um incunábulo de Tertuliano, *Q. Septimii Florentis Tertulliani Apologeticus aduersus gentes*, Venezia: Bernardino Benali, [não posterior a 1494] oferece no primeiro livro um elevado número de anotações marginais e interlineares, em grego e em latim, de diferentes mãos. No entanto, este testemunho revelador de que a obra de Barbosa foi lida e relida com profusão, também não apresenta no livro segundo, no passo em questão, nenhuma anotação.

⁸³ O procedimento tornar-se-á comum a reformistas e contra-reformistas. Encontramos na obra do calvinista francês Philippe Duplessis-Mornay uma forma consumada de utilização de Lucrécio contra si próprio, para destruir o politeísmo e a tese aristotélica da eternidade do mundo: Ph. Duplessis-Mornay, *De la verité de la religion chrestienne: contre les Athees, Epicuriens, Payens, Juifs, Mahumeditas et autres infideles*, Anvers, Christoffle Plantin, 1581. Veja-se a análise de Jean Céard, «Lucrèce et les commentateurs aldines de la Semaine de du Bartas», *La renaissance de Lucrèce*, Paris, 2010, pp. 223-231. Cfr. Frank Lestringant, «Ouverture», op. cit., p. 7, Emmanuel Naya, «Conclusion», op. cit., pp. 233-240, 234.

Enquadra-se na dimensão apologética da obra do professor salmantino contra o escolasticismo, contra o monopólio clerical da Ética e da Teologia, em defesa de uma nova escrita filosófica e teológica, remodelada pela Retórica. A obra de Lucrécio vinha ao encontro da sua vontade de dimensão ética e transcendental para a erudição filológica e da sua procura de uma forma latina depurada.

A aproximação a Lucrécio incide sobretudo na condição plenamente humanística da sua cultura. Contra a opinião de António Rosa Mendes e mesmo considerando a sua ‘dramática’ contestação a Erasmo, Barbosa dificilmente poderá ser adscrito a esse «pré-humanismo» de cunho anacrónico, arcaizante (ou teologizante) e medieval, que daria passo ao ‘verdadeiro’ humanismo de vanguarda da geração dos anos 30 do século XVI⁸⁴.

A sua filiação com a vanguarda humanística responde à qualidade da sua formação e à correspondente competência técnica da sua filologia, que em nada deve minorar a polémica anti-erasmista, na medida em que não será aceitável a identificação sumária da competência humanística com a apropriação ou não de postulados erasmistas⁸⁵.

Pelo contrário, há uma linha de continuidade evidente entre Aires Barbosa e André de Resende. A *Oratio* deste último, de Outubro de 1534, reivindica posições que seriam sem dúvida subscritas e alentadas pelo outrora professor salmantino: a nova teologia, o retorno aos primeiros autores cristãos, a importância do grego para os estudos sagrados, a concórdia enfim da cultura pagã com a cristã.

Também não cabe duvidar de qual seria a posição de Barbosa relativamente a este argumento de André de Gouveia, em carta escrita em Bordéus em 1537 e dirigida ao seu tio, o mais conservador Diogo de Gouveia:

Folgaria que [o senhor meu tio] me ouvisse para ver se a teologia que se aprende pela Sagrada Escritura e pelos Doutores da Igreja é melhor que a sua teologia sofisticada que se aprende por Tartareto e Durando, nos quais porquanto eu não quis perder o meu tempo tem ele comigo o que tem, porque daqui procede o princípio⁸⁶.

⁸⁴ António Rosa Mendes, «O pré-humanismo português», in José Mattoso, dir., *História de Portugal*, 3, «No alvorecer da Modernidade», Lisboa, 1993, pp. 375-421, pp. 375-77.

⁸⁵ Como encontramos nos estudos, de resto imprescindíveis, de J. S. Silva Dias. Veja-se, por exemplo, *Braga e a cultura portuguesa do Renascimento*, Coimbra, 1972, p. 8.

⁸⁶ André de Gouveia, «Carta a Diogo de Gouveia», ed. Mário Brandão, *O Processo na Inquisição de mestre João da Costa*, Coimbra, 1944, p. 273.

ANEXO. A ESTRANHA LIÇÃO TEXTUAL DE AIRES BARBOSA

<i>Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis Arii Barbosa Lusitani</i> , Salmanticae, in aedibus Ioannis Porris, Abril de 1516, Res. 3306V, fol. cxxxv ^o	terram/missum est/stellantia/receptat
T. Lucretii Cari, libri sex nuper emendati, ed. Hieronimus Avancius, Venetiis, apud Aldu[m], Dezembro de 1500, fol. d v v ^o .	terras/missumst/ rellatum/receptant
<i>In Carum Lucretium poetam Commentarij a Ioanne Baptista Pio editi: codice Lucretiano diligenter emendato...</i> , Bononiae, in ergasterio Hieronymi Baptistae de Benedictis Platonici Bononiensis, 1511, BNP RES. 461 A., fol. lxvii v ^o .	terras/missumst/ rellatum/receptant
Lucretius, T[iti] Lucretii Cari De Rerum Natura Libri VI, ed. Pietrus Candidus, Florentiae, sumpt. Philippi Guntae bibliopolae, 1512, BNP Res. 2570 P., fol. xxxvi ^l .	terras, missum est, fulgentia, receptant
<i>Opera Firmiani Lactantii...</i> , «Liber Septimus», «De diuino praemio», Venettis, per Vincentium Benalium, 22 de Março de 1493; BNP INC. 876, fol. p v: ²	terram/missum est/fulgentia/receptant

<p><i>Lepida Lactantii Firmiani opera accurate graeco adiuncto castigata...</i>, Paris, in vico Diui Iacobi sub Leone Argenteo, 1509, «Liber Septimus», «De diuino praemio», BNP, Res. 2950 P., fol. cxlii³</p>	<p>terram/missum est/fulgentia/receptant</p>
--	--

¹ Este exemplar *in octavo* de belíssima encadernação ostenta o *non prohibetur*. Nas anotações sobre variantes que constam no fim do volume *Petrus Candidus studiosis s.: legere est in exemplaribus nonnullis [...] ex libro secundo*, fols. qviiv^o-rii, nada consta sobre as variantes do passo em questão.

² Este incunábulo, limpo de anotações manuscritas, foi encadernado juntamente com as *Vitae* de Diógenes Laércio (Venetiis, per Peregrinum de Pasqualibus, 19 de Julho de 1493, BNP INC. 874), e com Tertuliano (INC 875). Tanto o exemplar de Lactâncio como o de Tertuliano carecem de página de rosto.

³ Na edição de Lactâncio de Eberhard Heck/ Antonie Wlosok escolhe-se a variante *in terras*: Lactantius, *Divinarum Institutionem libri septem*, Liber VII, Berlim, 2011, p. 685. Nas edições impressas de Lactâncio do tempo de Barbosa aparece reiteradamente «in terram». De resto, os editores referidos oferecem as mesmas lições das edições antigas para *missum est/fulgentia/receptant*.